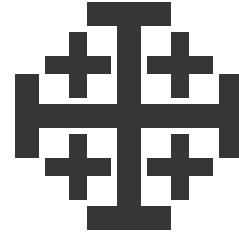




QUIS UT DEUS

JANEIRO DE 2011

Comissão de São Miguel — Lugar-Tenência de Portugal
Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém



UM MISTÉRIO A CELEBRAR

O MISTÉRIO DA EPIFANIA

Epifania deriva duma palavra grega que significa manifestação. A partir do séc. IV as Igrejas do Oriente começam a celebrar este mistério associando-o principalmente ao Baptismo do Senhor no Jordão, no qual se manifesta a filiação divina de Jesus, bem como o Mistério da Santíssima Trindade (daí também ser chamada Teofania — manifestação de Deus), e ainda às Bodas de Caná. A esta festa também será associado o Mistério do Natal, fazendo coincidir o dia do nascimento ao do Baptismo em anos distintos.

Por volta de 385, Egéria descreve (cap. 25, 6b-12) a celebração da Epifania com a sua oitava em Jerusalém e Belém.

No Ocidente, ao fixar-se a celebração do Natal do Senhor em Dezembro, a celebração da Epifania reúne os mistérios da Adoração dos Magos (a revelação de Deus aos gentios), do Baptismo (a revelação de Deus Uno e Trino) e das Bodas de Caná (a revelação do poder divino de Deus Incarnado no seu primeiro milagre).

A tradição deu a estes Magos vindos do Oriente o título de reis, dando-lhes nomes e dizendo que são três. Todos estes dados, que não são bíblicos, têm, no entanto, uma importância que deriva de uma verosimilhança possível e que procuram explicar ainda melhor este Mistério.

Do relato evangélico (e que a tradição irá reforçar) podemos encontrar algumas características dos Magos que mostram a real possibilidade de todos os povos chegarem ao conhecimento de Deus.

O texto diz-nos que são magos. Para a cultura desse tempo o termo mago, mais do que relacionado com magia, relaciona-se com o conhecimento que nasce do estudo da realidade, procurando nela o que está para além dela. A realidade aponta sempre para além de si mesma.

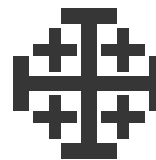
É na atenção à realidade que os Magos encontram o que não conhecem: a estrela. É no desejo de conhecer a verdade das coisas que os Magos se põem a caminho: seguem a estrela. É superando os seus limites com perseverança que eles alcançam o seu objectivo.

Pela atenção à realidade, obedecendo à curiosidade que ela desperta e empenhando-se na busca da verdade de modo razoável é possível chegar a Deus.

A fé é o exercício pleno da razão.



QUIS UT DEUS



A FÉ A PROFESSAR

PONTOS DO COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

1. Qual é o desígnio de Deus acerca do homem?

Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada. Na plenitude dos tempos, Deus Pai enviou o seu Filho, como Redentor e Salvador dos homens caídos no pecado, convocando-os à sua Igreja e tornando-os filhos adoptivos por obra do Espírito Santo e herdeiros da sua eterna bem-aventurança.

«És grande, Senhor, e digno de todo o louvor [...]. Fizeste-nos para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti» (S. Agostinho).

2. Porque é que no homem existe o desejo de Deus?

Ao criar o homem à sua imagem, o próprio Deus inscreveu no coração humano o desejo de O ver. Mesmo que, muitas vezes, tal desejo seja ignorado, Deus não cessa de atrair o homem a Si, para que viva e encontre n'Ele aquela plenitude de verdade e de felicidade, que ele procura sem descanso. Por natureza e por vocação, o homem é um ser religioso, capaz de entrar em comunhão com Deus. É este vínculo íntimo e vital com Deus que confere ao homem a sua dignidade fundamental.

3. Como é que se pode conhecer Deus apenas com a luz da razão?

A partir da criação, isto é, do mundo e da pessoa humana, o homem pode, só pela razão, conhecer com certeza a Deus como origem e fim do universo e como sumo bem, verdade e beleza infinita.

4. Basta porém a exclusiva luz da razão para conhecer Deus?

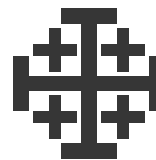
Ao conhecer Deus só com a luz da razão, o homem experimenta muitas dificuldades. Além disso, não pode entrar só pelas suas próprias forças na intimidade do mistério divino. Por isso é que Deus o quis iluminar com a sua Revelação não apenas sobre verdades que excedem o seu entendimento, mas também sobre verdades religiosas e morais que, apesar de serem por si acessíveis à razão, podem deste modo ser conhecidas por todos, sem dificuldade, com firme certeza e sem mistura de erro.

5. Como se pode falar de Deus?

É possível falar de Deus a todos e com todos, a partir das perfeições do homem e das outras criaturas, que são um reflexo, embora limitado, da infinita perfeição de Deus. É, porém, necessário purificar continuamente a nossa linguagem de tudo o que ela contém de imaginário e imperfeito, na consciência de que nunca será possível exprimir plenamente o infinito mistério de Deus.



QUIS UT DEUS



UM SANTO A IMITAR

SÃO TOMÁS DE AQUINO

(28-I)

Nasceu em 1225, em Aquino, Itália, e último filho de doze que tiveram seus pais. Depois de ter iniciado os seus estudos no com os monges Beneditinos de Monte Cassino, passou à Universidade de Nápoles onde conheceu os Dominicanos, aos quais se resolve a juntar aos 19 anos, com grande resistência de sua mãe e irmãos.

Os seus superiores reconheceram nele as suas capacidades e fazem-no percorrer, durante o seu período de formação as melhores universidades e professores, tendo sido discípulo de S. Alberto Magno em Colónia.

O desejo de conhecer, o melhor possível, o mistério de Deus, alimentado com tão boa formação e associado a uma simplicidade e humildade raras, faz com que chegue aos 31 anos com a licença mais alta de ensino conferida pelo Papa para ensinar na Universidade de Paris, altura em que começa a escrever os seus primeiros tratados.

Passados três anos, e depois de ter tomado parte no Capítulo Geral da Ordem, ajudando na reforma dos estudos filosóficos e teológicos, volta para a Itália, onde é chamado a ser teólogo e consultor pontifício, altura em que começa a escrever a *Summa Theologica*, que terminará em 1272, novamente em França.

De novo em Itália, dedica-se principalmente à pregação. Compõe hinos para a festa do Corpo de Deus e é convidado a pregar diante do Papa sobre o mistério eucarístico.

A sua pregação atraía multidões, não só pela sua eloquência, mas principalmente pela modo humilde, simples e claro como pregava.

Mas, depois de ter tido uma visão sobrenatural durante uma Missa, deixou de pregar e escrever, considerando que tudo o que tinha dito e escrito até então era lixo comparado com o que tinha contemplado.

Morreu a 7 de Março de 1274 quando se dirigia para o II Concílio de Lião em obediência à convocatória do Papa.

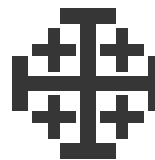
Toda a sua vida foi marcada por levar a sério a busca à resposta que fizera em criança: “Quem é Deus?”.

Leituras recomendadas: Bento XVI, Audiências de 2, 16 e 23 de Junho de 2010

César das Neves, João, *O Rapto do Santo*, Verbo (Lisboa, 2006)



QUIS UT DEUS



A ESPIRITUALIDADE A VIVER

ALGUNS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE DA ORDEM DE CAVALARIA DO SANTO SEPULCRO DE JERUSALÉM

«O ideal originário dos membros das Ordens de Cavalaria foi a dedicação, mesmo que custasse a vida, a empresas tidas como nobres e, no que diz respeito à Ordem do Santo Sepulcro, tidas ainda como santas.

Tais ideais no mundo de hoje, permitem confrontar com fortaleza de espírito todos os acontecimentos quotidianos, sejam esses agradáveis ou dolorosos; viver com constância e generosidade o empenho da construção de um mundo novo e do crescimento da Igreja, na luta pelo triunfo do bem.

Devem ser estas as características do Cavaleiro e da Dama do Santo Sepulcro. São Paulo sugere-nos as armas necessárias para este combate espiritual.»

Do Ritual da Velada d'Armas, Admonição à Leitura II (Ef 6, 10-18)

O texto de S. Paulo que esta admonição do Ritual da Velada d'Armas introduz — e que depois inspirará a entrega dos vários dos sinais de Cavalaria durante a Investidura dos Cavaleiros da nossa Ordem — é um ponto chave para percebermos a espiritualidade da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém.

Corremos seriamente o risco de nos distrairmos com uma visão romanceado do ideal de cavalaria, reduzindo-o apenas aos seus aspectos rituais e simbólicos.

No entanto, é exactamente o contrário que deveria acontecer: os símbolos lembrarem-nos a realidade.

Os Cavaleiros e Damas de que a Ordem e a Terra Santa precisam são antes de mais aqueles que combatem e procuram vencer o verdadeiro combate da fé, aqueles que procuram primeiro ser *Miles Christi* (soldado de Cristo).

É para esse combate que S. Paulo nos exorta, ensinando-nos qual o arsenal de que nos devemos revestir para que possamos vencer todos os combates: «Revesti--vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às ciladas do demónio. [...] Permanecei bem firmes, de rins cingidos com o cinturão da verdade, revestidos com a couraja da justiça, de pés calçados com o zelo de anunciar o Evangelho da paz. Tende sempre nas mãos o escudo da fé, com o qual podereis apagar as setas inflamadas do Maligno. Tomai o elmo da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus».

Este é o primeiro e mais importante arsenal do Cavaleiro. É preciso habituarmo-nos ao seu peso e volume e adestrarmo-nos bem no seu uso, para que possamos exercer bem a nossa vocação de defesa e promoção dos Lugares Santos.